

UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE QUESTÕES DA EMANCIPAÇÃO FEMININA EM TIRAS DA MAFALDA À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD)

Maria do Carmo Gomes Pereira Cavalcanti¹

Claudemir dos Santos Silva²

Em plena Pós-modernidade, a figura feminina, ainda, têm sido “alvo” da violência física ou verbal por alguns que acreditam serem as mulheres, o “sexo frágil”. Assim, os inúmeros preconceitos materializam formações discursivas e ideológicas em um dado contexto sócio-histórico-cultural. Quem nunca ouviu as expressões ou piadinhas do tipo: *“mulher no volante, perigo constante”, “mulheres foram feitas para serem boas parideiras”, “mulheres devem pilotar um bom fogão”, “mulher tem que saber o que tem para o almoço”, “afirmarem ao senhor, seu marido: sim senhor, não senhor!”*. Esses discursos machistas e preconceituosos refletem, de acordo com Carvalho *et al* (2013) que elas eram/são “desprovidas de qualquer direito ou autonomia, ou seja, a mulher deveria encontrar no casamento sua “independência,” afinal, havia sido educada para servir ao marido, administrar a casa e cuidar da prole” (CARVALHO *et al* 2013, p.02).

De acordo ainda com as autoras (2013), essa cultura patriarcal começou a perder forças a partir do início do século XX, com movimentos liderados por mulheres, na Europa, que “buscavam a igualdade de direitos políticos e sociais de ambos os sexos. Esses movimentos foram intensificados a partir do início da década de 1960” (2013, p.02), época em que, como enfatiza Romero *apud* Carvalho *et al* (2013), foi marcado pela inquietação de feministas que advogavam uma participação

¹ - Mestranda do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), bolsista da FACEPE e Professora da Rede Municipal do Recife. Recife, Pernambuco, Brasil. carmingpc@yahoo.com.br

².- Mestrando do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), bolsista CAPES/PROSUP. Recife, Pernambuco, Brasil. claudemirsilva711@gmail.com.

mais ampla da mulher no mercado de trabalho, além do igualitarismo entre os sexos em todas as esferas da vida.

A personagem argentina Mafalda, criada por Joaquin Salvador Lavadio (Quino), representa, sem dúvida alguma, um “grito de alerta” por igualdade e liberdade para as mulheres que lutavam (lutam!) por maiores chances de realização pessoal e profissional, em tempos de ditadura nos anos 60 e 70. As polêmicas sobre a emancipação feminina, em contraponto ao machismo, mesmo considerando as distâncias entre Brasil e Argentina, fazem parte de uma tendência mundial na contemporaneidade.

Portanto, suas tiras representam discursos que sempre estão relacionados às questões históricas, sociais, políticas e ideológicas. Logo, provocam humor com deslizamentos de sentidos por efeitos de ironia na relação entre concepções de sujeitos e com diferentes compreensões sociais em relação ao papel feminino na sociedade. Neste artigo, pretende-se analisar o discurso feminista em tiras de Mafalda e as formações discursivas nas quais estão inseridas a personagem principal, sua amiga, Susanita e sua mãe.

AS TIRAS DA MAFALDA

Mafalda é uma personagem entre cinco e seis anos de idade, cuja criação é de Joaquin Salvador Lavadio (Quino). O autor faz a sua divulgação em 29 de setembro de 1964, que é ampliada na Argentina até 1973. A obra, a partir daí, foi sendo traduzida em outros idiomas e, em 1981, chega ao Brasil (QUINO, 2012). Sabe-se que o seu autor publicava tiras em jornais, cadernos escolares, criava publicidades, produzia filmes e desenhos animados internacionalmente. Nesse ínterim, especificamente em 1970, apenas uma revista de pediatria e pedagogia dirigida aos pais apresenta seus textos ilustrados com tiras de Mafalda no país.

O sujeito Mafalda, por sua criticidade e política é considerada uma anti-heroína nas tiras do seu idealizador, ou seja, ela não surge para salvar o mundo das ameaças, mas para contestar as questões sociais, culturais, políticas e econômicas na América Latina.

É importante salientar que em termos de regimes militares, tanto no Brasil quanto na Argentina, estes são marcados por memórias (discursivas) históricas. É nesse entremeio, que as tiras de Mafalda foram produzidas e veiculadas em anos de ditadura e perpassaram esses anos cruéis marcados pela censura e segregação. Portanto, de acordo com Silva (2012), a conjuntura social da época é marcada por tensão política e econômica em que liberdades foram tolhidas e, por isso mesmo, época de resistências como marca da luta pela emancipação feminina.

Ainda, segundo a autora, a Argentina de 1976 presenciou em sete longos anos, acontecimentos dramáticos como milhares de mortos e desaparecidos sob a tutela do Estado, “[...] no Brasil, os golpes militares deixaram sequelas, mas os generais se foram e as tiras que contam essa história perduram até hoje” (SILVA, 2012, p.06).

Ao elaborar suas impressões sobre as “Construções do imaginário de Mafalda, de Quino: análise dos diálogos entre duas gerações”, Silva (2009) interdiscursa com Araújo (2003), o que significa dizer que, a partir dos temas incentivados e debatidos nas âncoras sociais e midiáticas, ocorreu ao longo dos tempos uma série de conflitos de alguns grupos sociais, culminando, assim, em processos de luta pelo direito à igualdade. Um desses grupos que iniciaram uma manifestação bastante contundente, quase que em sintonia no mundo todo, “foi o das mulheres, que apesar de possuir alguns direitos como o ao voto, tinham que se conformar ainda com a função de dona de casa, mãe e esposa dedicada” (ARAÚJO, 2003, p.03).

Portanto, através das temáticas discutidas nas tiras da Mafalda, nada melhor do que atentarmos para a leitura destas, tentando, por sua materialidade linguístico-discursiva, apreender processos de significação. Assim, a partir de efeitos humorísticos, relacionados aos aspectos irônicos, pode-se, com o respaldo teórico e metodológico da Análise de Discurso de linha francesa (AD), notar o funcionamento de expressões que, algumas vezes, “silenciadas”, provocam em seus leitores: a dispersão/deslizamento para sentidos outros diferentemente de sua pretensa completude.

Como o leitor, nesse processo, não é passivo, mas agente que busca significações, “o sentido de um texto não é jamais interrompido, já que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis” (AUTHIER-REVUZ, J.,1982, p.104). Através desses pontos de vista é que analisaremos as tiras de Mafalda, observando respectivamente seus sujeitos/sentidos.

Discorrendo sobre “A emancipação feminina em Mafalda: uma análise discursiva de tiras”, Silva (2012) afirma que para se entender o processo de construção de sentidos, parte-se do reconhecimento das *condições históricas de produção do discurso*. Neste momento, é necessário lembrar ao leitor que esta noção funciona em rede com as outras noções da Análise do Discurso francesa que estão presentes neste estudo, como sujeito, sentido, história e ideologia.

ANALISANDO O DISCURSO E OS SEUS EFEITOS DE SENTIDO EM DUAS TIRAS DA PERSONAGEM MAFALDA

Como já foi enfatizado, a AD será utilizada, neste trabalho, como teoria e procedimento de análise. Neste sentido, enquanto instrumento teórico-metodológico, “a Análise de Discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos e, logo iniciamos o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a AD tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2013, p.66).

A seguir, para melhor se compreender a proposta teórico-metodológica da AD, bem como mais de seus conceitos teóricos basilares, tratar-se-á de analisar duas tirinhas da Mafalda, extraídas do livro: “Da primeira a última tiram” do seu criador-idealizador Quino (2012).

TIRINHA I



Ao analisar a tirinha I, constata-se os muitos efeitos de sentidos em relação ao papel da mulher na sociedade e o machismo predominante em todas as épocas. Através do dialogo travado entre a Mafalda e sua amiga Susanita, observa-se que os sujeitos da linguagem não são/estão constituídos em si, mas interpelados pela ideologia. Nesse sentido, conforme Pêcheux [1975](1997), há uma ilusão discursiva do sujeito em pensar que é ele a fonte, a origem do sentido do que diz. Indo de encontro a essa assertiva, é preciso ressaltar, de acordo com o supracitado estudioso, em relação aos esquecimentos, o sujeito se ilude duplamente, inicialmente, por esquecer-se de que ele mesmo é assujeitado pela formação discursiva em que está inserido ao enunciar (esquecimento nº 1 – interdiscurso), logo depois, por crer que tem plena consciência do que diz e, que por isso, pode controlar os sentidos do seu discurso (esquecimento nº 2 – origem do dizer).

Segundo Azevedo (2000), o sujeito não é livre para dizer o que quer; logo a sua elaboração discursiva está relacionada às condições de produção e ao espaço do discurso, em uma relação necessária com a exterioridade (AZEVEDO, 2000, p. 20). Mafalda, ao afirmar que “*hoje em dia, a mulher é chamada a ocupar um lugar cada vez mais importante!*”, se encontra numa formação discursiva feminista que se contra identifica à formação discursiva em que se inscreve Susanita, uma antifeminista, que compreende que a mulher desempenhar uma profissão é antitético à imagem identitária feminina. A conversa revela dizeres que estão arraigados à ideia de que a figura feminina, conforme Susanita, apenas nasceu “*para ser mãe e dona de casa*”, discurso machista que está inserido nos contextos sócio-históricos e culturais. Susanita está plenamente identificada à Formação Discursiva (FD) da mulher submissa, cujo desejo maior é constituir família e ser silenciada.

Quando a personagem argentina remete a mulher a muitas funções-sujeito que pode desempenhar e que não se restringe a tarefas domésticas, isto independe da estética assumida. Susanita parece se encontrar num solilóquio, onde associa que assumir uma posição sujeito-mulher que trabalha fora implica em negligenciar da aparência e sua ironia denota a heterogeneidade constitutiva, isto é, o que carrega em sua memória discursiva sobre o ser mulher na sociedade, ou seja, enunciando de outra formação discursiva, como detalhado no parágrafo anterior.

TIRINHA II



Na Tira II, Mafalda ao afirmar: “Coitada da mamãe! [...] não vou ser uma mulher frustrada e medíocre como você”, vê que Raquel, sua figura materna, funciona como uma verdadeira demonstração de mulher submissa, subordinada e totalmente dedicada às atividades domésticas. Faz notar que, para isso, teve que abdicar dos estudos e de uma profissão, por exemplo, para entregar-se ao marido, à filha e ao lar e, assim, tornou-se uma mulher frustrada, por não ter-se dedicado também e paralelamente na realização dos seus sonhos e objetivos.

Daí, por ter se esquecido de si mesma, tornou-se “uma mulher frustrada e medíocre”, como bem afirma, sua filha, Mafalda, que, em contraponto, deseja não apenas ir para o jardim de infância, mas avançar no primeiro grau e, posteriormente, chegar à universidade. Não deseja ser uma “Amélia”, por exemplo! De acordo com Orlandi (2007), o silêncio não fala, mas significa e é sítio de elaboração de outros sentidos. Percebe-se a mãe de Mafalda, em geral, silenciada ante os comentários e críticas da menina e, nesta tirinha, seu espírito contestador e inconformado frente ao papel social desempenhado pela mãe emerge com os adjetivos *frustrada* e *medíocre*. A mãe de Mafalda representa o estereótipo feminino sedimentado por

uma sociedade patriarcal. O estereótipo carrega sentidos vindos de outros discursos, é o lugar de resistência do sujeito (ORLANDI, 2007).

Raquel, a mãe de Mafalda, resiste em se despir deste estereótipo, em que se encontra cristalizada e que é evidenciado na fala da menina. A mensagem icônica descortina a tristeza da mãe, ao ouvir o que pensa Mafalda sobre as "normalidades" de seu cotidiano, quer dizer, a mãe, como exclusivamente dona de casa, uma formação discursiva e ideológica que se caracteriza como bem tradicional. Destarte, nas tiras de Quino, o constante silenciamento de Raquel produz o efeito de evidência de uma mulher oprimida pela condição de mãe censurada pela filha de seis anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mafalda pode ser considerada uma anti-heroína que não vem salvar o mundo, mas contestá-lo, questioná-lo, discursivizando os diferentes lugares sociais da mulher. Na verdade, a menina é uma criança de seis anos, mas com erudição e criticidade de adulto. Logo, percebe-se nas tiras, através da ironia, dos deslizamentos de sentido, o aspecto emblemático que a personagem representa de liberdade de expressão, emancipação feminina, escolhas sociais e culturais. Ultrapassando a mera ficcionalidade da obra, Mafalda tem uma representatividade histórica.

Através da relação entre Mafalda, Susanita e a sua mãe Raquel, nota-se o desempenhar de papéis-mulher bem diferentes, uma luta pelo ruminar das ideias, ou seja, reflete uma mulher contemporânea, que não foi feita apenas para casar, ter filhos e tornar-se um ser totalmente voltada para as atividades domésticas, já as outras, mostram-se mulheres tradicionais, que estão arraigadas e plenamente assujeitadas pelas formações discursivas e ideológicas. Nesse contexto, Mafalda surge representando essa nova voz feminina, trazendo as construções do imaginário cultural e das reivindicações de todas as épocas. Em contraposição ao discurso da personagem, estão às falas de sua amiga Susanita e de sua mãe, que se identificam com determinadas formações discursivas.

As tirinhas de Mafalda se caracterizam pela atemporalidade dos temas. A infante replica criticamente questões políticas, culturais, sociais. Representa a juventude dissidente de sua época e assume uma posição sujeito-mulher moderna contrária à posição-sujeito mulher tradicional de sua mãe, que sucumbiu ao seu desejo de ter um diploma e uma carreira para desempenhar exclusivamente tarefas domésticas e de sua amiga, Susanita, que também enuncia a partir de formação discursiva diferente (a FD da mulher submissa, que quer ter bens de consumo e um marido rico). Esse grupo constituído por sua voz é mantenedor de um discurso (re) produzido em favorecimento do arquétipo feminino representado pela figura da dona-de-casa, ausente dos pensamentos críticos sobre o mundo e sobre a sociedade e envolta somente nos problemas e detalhes da vida doméstica.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. *DRLAV Revue de Linguistique*, 1982.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de. “*Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua*”. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Fonoaudiologia) – PUC-SP, 2000.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Analisando o discurso*. Disponível em: http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf. Acesso em 07 de dez. de 2013.

CARVALHO, Magda Wacemberg Pereira Lima; AZEVEDO, Nadia Gonçalves de. *Mafalda: um sujeito interpelado pela ideologia*. VISEAD, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/PAINEIS/mafaldaumsujeito.pdf>. Acesso em: 01/05/2014.

ORLANDI, Eni Punicelli. *Discurso e Leitura*. 6. ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 1997.

QUINO, Joaquin Salvador Lavado. *Toda Mafalda*. Da primeira a última tira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SILVA, Ana Carolina Souza. *Construções do imaginário de Mafalda, de Quino: análise dos diálogos entre duas gerações*. Campina Grande, Ed. EDUEPB, 2009. Disponível em <http://posgraduacao.ascom.uepb.edu.br/ppgli/download/publicacaoonline/Literaturas/22.pdf>. Acesso em 27 de abril de 2014.

SILVA, Carla Letuza Moreira e. A emancipação feminina em Mafalda: uma análise discursiva de tiras. *Rev. Tabuleiro de letras*. Nº 04, jun. de 2012. Disponível em http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo02.pdf. Acesso em 27 de abril de 2014.